



O FUTURO.

PERIÓDICO LITTERARIO.

I.º ANNO.

1.º de Outubro de 1862.

II.

SUMARIO.

O SENHOR D. PEDRO II, por J. P. de C.	pag. 41	DO AMOR NAS LENDAS PAGÃS, por Macedo Soares.	pag. 63
O ENSINO A S CLASSES OPERARIAS, por Guilherme Bellegarde	pag. 52	ASPIRAÇÃO, por Machado de Assis, pag.	65
FAZ-ME FAVOR DO SEU FOGO ? por F. X. de Novaes	pag. 59	EMBIRRAÇÃO, por F. X. de Novaes, pag.	67
		CHRONICA, por F. X. de Novaes, pag.	69



RIO DE JANEIRO

EDITADO POR J. P. DE C. BRAGA, TRAVESSA DO DEUS

O SENHOR D PEDRO II.

IMPÉRADOR DO BRASIL.

(Continuado da pagina 12.)

III.

O Imperial menino, privado de pae após um lustro, foi orphão de mãe desde a tenra idade de um anno.

E quem era essa mãe? — Tres Imperatrizes se hão sentado no throno do Brasil; e essas tres imperatrizes têm sido todas modelos de virtude. (*) A Sra. D. Leopoldina, adoravel Príncipeza, da mais vasta instrucção, dos mais extraordinarios talentos, da mais severa virtude, do mais delicado tracto, dos mais austeros principios, da mais generosa singelesa (**), nem conhecida pôde ser por seos

(*) Assim se exprime Mlle. Collicz, em seu importante livro: *Les Impératrices. France, Russie, Autriche, Brésil.*

(**) E', no character, nos gostos, nos estudos, tão notavel a semilhança entre o Sr D. Pedro II, e sua augusta mãe; parece, em muitas tendencias, ter-lhe sido a indole por tal modo transfundida no sangue; que não descabe reproduzir aqui o retrato que da egregia Princeza fez pessoa contemporanea, e que a via diariamente:

« Era perfeita a educação de S. M. I. a Sra. D. Maria Leopoldina; seos talentos eram variados, suas virtudes sublimes. Religiosa sem superstição, humilde sem baixaza, amavel sem perder jamais o sentimento da propria dignidade; era o encanto de todos os que a conheciam, e a quem inspirava admiração, respeito, amor. Derramava beneficios sem ostentação; era sua suprema ventura o fazer bem; nisso se ia a maior parte de sua dotação, que muitas vezes nem bastava, pois nada sabia reservar, e por sua morte se achou um consideravel *deficit*, devido ás suas grandes esmolos. Decretou o corpo legislativo que a Nação Brasileira se honrava de pagar as nobres dividas da Imperatriz Leopoldina. Como Princeza real, aprendeu, sem detença, o portuguez, profundando logo todos as delicadezas do idioma, fallando-o, escrevendo-o como seu natal. Era-lhe egualmente familiar o italiano, e fazia versos allemães cheios de gosto e elegancia. Junctava a estes talentos a applicação aos mais elevados estudos: agradavam-lhe tanto a astronomia, e mineralogia, que lhes consagrava a maior parte de seos lazeres; em astronomia principalmente pôde-se dizer serem taes seos conhecimentos, que poucas rivacs lhe disputariam a palma. A Princeza era excellente pianista, sabendo musica perfeitamente; montava a cavallo com graça, e ligeireza; gostava da caça; comprazia-se em penetrar nas florestas para vencer obstaculos, e com a mão que agilmente percorria as teclas de um piano, apontava uma espiugarda, disparando certo tiro. »

filhos varões: o Principe D. João morreo, um anno depois de nascido; um anno depois de nascido, o Principe D. Pedro perdêra sua mãe. Não foi dado ao triste orphãosinho aprender a sorrir no sorriso materno, nem a balbuciar palavras de amor, nem inspirar-se nos grandes sentimentos, nem a receber o fermento das nobres acções na palavra, e no exemplo vivo de sua veneranda progenitric. Acreditemos, porém, que essa bella alma, tão cedo desprendida do involucro terrestre, subio ao firmamento para das alturas continuar a amparar o filho querido de suas entranhas, o herdeiro do seu nome, e do seu sangue.

Na terra lhe ficára segunda mãe, na pessoa da Condessa de Belmonte, D. Marianna de Verna Magalhães, a cujos desvellos foi entregue, desde o nascimento, o imperial menino. Não ha mãe, por mais estremecida, que tamanho affecto depositasse no fructo de seos amores. A honrosa gratidão do imperial pupillo faz que nunca elle falle dos cuidados dessa senhora, sem encarecer os impagaveis serviços, e sobretudo a quasi idolatra affeição que lhe deveu. Este reconhecimento energico honra a ambos em gráo equal.

Tambem o preclaro Principe sempre se recorda com gratidão das diligentes attenções de seos outros professores; e cumpre aqui advertir que a direcção litteraria do Sr. Visconde de Sapucahy concorreo altamente para o gosto que o seo augusto alumno desenvolveo pelas letras; e que a educação religiosa e moral do Sr. Bispo de Chrysopolis fez desabrochar as espontaneas sementes de rectidão e fé congenitas com aquelle privilegiado espirito.

Logo depois da abdicção, a Regencia interina (composta dos Srs. Marquez de Caravellas, Vergueiro, e Lima e Silva) deu publicidade ás derradeiras disposições do Sr. D. Pedro I, entre as quaes figurava a nomeação do Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva para tutor do joven monarcha (*); mas como a posse desse

(*) Cumpre aqui registrar tres dos ultimos documentos do Sr. D. Pedro I, já traçados de bordo da nau ingleza *Warspite*. São: — A mensagem por elle dirigida á Assembléa Geral — O Diploma da nomeação do Tutor de seos filhos. — A carta de despedida aos seos amigos. Não só se prendem taes documentos a este periodo da vida do actual Imperador, mas merecem ser gravados em letras de ouro, pela magnanimidade, com que em occasião similhante, foram escriptos!

— « Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação. — Participo-vos, Senhores, que no dia seis do corrente Abril, usando do direito que a Constituição me concede, no capitulo V, art. 130, nomeei tutor de meos amados filhos ao muito probo, honrado, e patriótico cidadão, o meu verdadeiro amigo, José Bonifacio de Andrada e Silva.

« Não vos hei, Senhores, feito esta participação, logo que a Augusta Assembléa Geral principiou seus importantissimos trabalhos, porque era mister que o meu amigo fosse primeiramente consultado, e que me respondesse favoravelmente, como acaba de fazer,

cargo tivesse de demorar-se, nomeou, por Decreto de 11 de Abril de 1831, o Sr. Marquez de Itanhaem Mordomo-mór interino, a quem muito especialmente recommendou a guarda, e a vigilancia sobre as augustas Pessoas do Imperador, e das Princezas, suas irmans. Após ratificação, pela Assembléa Geral, da nomeação feita pelo Sr. D. Pedro I, tomou o Conselheiro José Bonifacio posse da honrosissima tutela, aos 24 do seguinte Agosto.

Em seguida, chamou logo para aio do Imperador menino o gentil-homem Francisco Maria Telles, fidalgo de antiga linhagem, o mais leal dos servidores, posto que o horizonte de sua propria instrucção ficasse muito áquem do que exigia a intelligencia do Principe confiado a seos cuidados. Telles se conservou neste serviço até a exoneração do mesmo Conselheiro (*), a quem substituiu, como tutor, inte-

dando-me deste modo mais uma prova de sua amizade: resta-me agora como pae, como amigo da minha Patria adoptiva, e de todos os Brasileiros, por cujo amor abdiqueei duas cordas *para sempre*, uma offerecida, e outra herdada, pedir á Augusta Assembléa Geral que se digne confirmar esta minha nomeação.

« Eu assim o espero, confiado nos serviços, que de todo o meu coração fiz ao Brasil, e em que a Augusta Assembléa Geral não deixará de querer alliviar-me desta maneira um pouco as saudades, que me atormentam, motivadas pela separação de meos caros filhos, e da Patria que adoro.

« Bordo da nau ingleza *Warspite*, surta neste porto, aos 8 de Abril de 1831, decimo da independencia, e do Imperio. — PEDRO. »

— « Tendo maduramente reflectido sobre a posição politica deste imperio, conhecendo quanto se faz necessaria a minha abdicção, e não desejando mais nada neste mundo, senão gloria para mim, e felicidade para minha patria: hei por bem, usando do direito que a Constituição me concede, no capitulo V. artigo 130, nomear, como por este meu imperial Decreto nomeio, tutor de meos amados e presados filhos, ao muito probo, honrado, e patriotico cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo.

Boa Vista aos 6 de Abril de 1831, decimo da independencia, e do Imperio.— D. PEDRO, Imperador Constitucional, e Defensor Perpetuo do Brasil.

— « Não sendo possivel dirigir-me a cada um dos meos verdadeiros amigos em particular, para me despedir, e lhes agradecer ao mesmo tempo os obsequios, que me fizeram; e outro sim para lhes pedir perdão de alguma offensa, que de mim possam ter (ficando certos que, se em alguma coisa os aggravei, foi sem a menor intenção de offende-los); faço esta carta para que, impressa, eu possa deste modo alcançar o fim a que me propuzo. Eu me retiro para a Europa, saudoso da Patria, dos lillos, e de todos os meos verdadeiros amigos. Deixar objectos tão caros é summamente sensivel, ainda ao coração mais duro; mas deixa-les para sustentar a honra, não póde haver maior gloria. Adeos, Patria, adeos amigos, e adeos para sempre!

Bordo da nau ingleza *Warspite*, 12 de Abril de 1831.— D. PEDRO de Alcantara de Bragança e Bourbon. »

(*) Não é este logar apropriado para tratar desenvolvidamente successos, que a historia apreciará, nem mesmo quanto elles influiram na vida do illustre biographado. Todavia, não é possivel tocar neste acontecimento, sem apontar as causas que se lhe attribuiram. E porque se não stigmatise de exaggeração uma memoria que os tempos vão obliterando, é necessario reproduzir aqui a proclamação da Regencia, que precedeu o Decreto, firmado pelo Sr. Conselheiro A. P. Chichorro da Gama, demittindo o Conselheiro José Bonifacio. Todos os commentarios seriam palidos; o perseguido Conselheiro terá então avaliada a inutilidade das suas *singulares* palavras, na sessão de 10 de Setembro

riuamente nomeado pelo Governo, a 14 de Dezembro de 1833, o Sr. Marquez de Itanhaem, depois confirmado pela Assembléa Geral, e conservado no seu cargo até a declaração da maioridade.

O Sr. Marquez convocou as pessoas mais habilitadas para instruirem a puericia do Príncipe, e de suas augustas irmãs, nas varias disciplinas, como adiante veremos. Para os folguedos proprios de tão tenras edades, chamava o zeloso tutor os fillos e filhas das pessoas principaes, e que tinham ingresso na côrte. Nesses brincoes, como nos estudos compatíveis com o seu sexo, as formosas Princezinhas acompanhavam sempre seo irmão mais novo.

Assim se deslizou aquella quadra, que geralmente a natureza humana condemna ao desaproveitamento, ainda nas mentes mais precoces.

Passemos a ver como neste infatigavel Príncipe, quasi não houve um só dia deixado aos jogos infantis, applicando-se desde o berço á cultura de sua intelligencia.

de 1834, logo após o Diploma do Sr. D. Pedro I, e a de tantos outros actos seus.... assim qualificados por um rasgo de penna.

« Brasileiros! A tranquillidade, a ordem publica, são ainda uma vez ameaçadas por individuos, que devorados de ambição e de orgulho, nada poupam para levar a effeito seus intentos detestaveis, embora com isso sacrificuem os destinos e prosperidade nacional. Uma conspiração acaba de ser pelo Governo descoberta, a qual tem por fim deitar abaixo a Regencia, que em Nome do Imperador governa, e quiza destruir a monarchia representativa na terra de Santa Cruz. No proprio palacio de S. Christovão, nas immedições deste, e em outros pontos, armamento e cartuxame foram já distribuidos, e os scelerados só aguardam o momento destinado para lhes dar execução.

« Brasileiros! A Regencia está vigilante, e tem tomado todas as medidas ao seu alcance para frustrar as insidias dos conspiradores; havendo entre ellas lançado mão de uma, que julgou indispeusavel para desalentar as criminosas esperanças dos perturbadores da ordem. Ella acaba de suspender o tutor de S. M. I. e suas augustas irmãs, o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, o homem que servia de centro e de instrumento aos factos; havendo nomeado para substitui-lo, enquanto pela Assembléa Geral Legislativa se não determinar o contrario, o Marquez de Itanhaem, Brasileiro distincto, e que tão dignamente já exerceu a mesma tutoria, quando della encarregado.

Brasileiros! Confiai no Governo; a paz publica será mantida, e conservado inabalavel o throno nacional do joven Monarcha, ingente penhor da prosperidade e gloria do Imperio, idolo dos Brasileiros, que se honram de pertencer á briosá Nação de que soinos membros.

« Viva a nossa Santa Religião! Viva a Constituição! Viva o nosso joven Imperador o Senhor D. Pedro II.

Oito dias antes tinha o governo liberal, e que se dizia fructo da revolução militar de 7 de Abril, ordenado que nenhum official de 1.ª e 2.ª linha, ou ordenanças, fizesse parte da *Sociedade Militar*, sob pena de serem castigados exemplarmente como desobedientes, e infractores da disciplina militar, visto apresentarem sem reboço opiniões reprovadas pela revolução de 7 de Abril! Nesse dia tinha-se lido e CITAVA-SE o art. 147 da Constituição.

Fra regular que oito dias depois se procrevesse José Bonifacio.

E aproveitamos o ensejo para declarar, ainda que rapidamente, que assaz altos titulos

IV.

Consideremos agora o Imperador, em relação aos seus estudos, habilitações, gostos litterarios, e tracto com os sabios. Assump̃to é este que importa encarar no seu complexo, sem subjeição a successões chronologicas.

Com affinco mui superior á sua idade, se applicou o Sr. D. Pedro, desde a infancia, ao apaixonado estudo dos idiomas, da historia, da geographia, das mathematicas, da religião, das sciencias positivas, e naturaes, da litteratura, bem como das bellas artes, desenho, pintura, etc. (*)

Desde que foi confiado aos cuidados dos mestres, teve a creança comportamento viril. Nunca foi necessario chama-lo para o estudo; talvez antes se julgasse algumas vezes prudente recommendar-lhe

tem á veneração dos Brasileiros a memoria de José Bonifacio, para que seja preciso calumnial-a, attribuindo-lhe mais outro, que, se elle vivo fosse, incontestavelmente rejeitaria.

A separação de Portugal, depois das ultimas deliberações das Côrtes de Lisboa, era um pensamento generalizado, e não desmentiremos a nação, insinuando que tal successo fosse obra de um ou outro. Porém se forçosamente se quer estabelecer um patriarchado historico, o unico patriarcha, por sua decisão, por seus sacrificios, por seu valor, por sua iniciativa, e porque era o unico homem que, em taes acontecimentos, tinha tudo a perder, e nada a ganhar, foi o Sr. D. Pedro I, de immortal memoria.

Quem ha ali que ignore que no dia em que o heróe proferio a magica palavra FICO, a separação de Portugal era um facto consummado, a que só faltava a sancção de simples formalidades? Ora, quando o grande José Bonifacio chegou a esta côrte foi no dia 16 de Janeiro de 1822, e o FICO fôra proferido anteriormente, no dia 9 do mesmo mez.

A uma das testemunhas oculares, e tambem conspicuo actor no agitado drama d'esses annos, devemos uma mui miúda e curiosa memoria relativa a taes successos, a qual publicaremos, se estas linhas fôrem destinadas a ulterior edição; porém, não nos podemos eximir a transcrever aqui um trecho, em que isto se corrobora:

« Comquanto não seja nossa inteução diminuir a parte que esse prestimoso cidadão teve na Independencia, negamos-lhe o exclusivismo, e até a prioridade; porque sem relações com o conselheiro José Bonifacio, e sem sciencia de seus trabalhos, outros patriotas, particularmente nesta Provincia, e nas da Bahia, Pernambuco, Minas e outras, se haviam reunido, como na de S. Paulo. Os principaes patriarchas da Independencia foram o Snr. D. João VI e o Snr. D. Pedro I; e o principal movimento, e o plano foi concebido no Rio de Janeiro por *sociedades secretas*. . . Foi portanto o Snr. D. Pedro I um elemento de ordem para effectuar-se uma separação quasi amigavel, poupando-se innumerados sacrificios, etc., etc. »

(*) Foram os primeiros Mestres de S. M. I. os senhores:

Boulanger — de primeiras letras.

Boiret — de francez.

Nathaniel Lucas — de inglcz.

Dr. Roque Shuch — de allemão, italiano, etc.

Felix Emilio Tannay — de geographia e historia.

Simplicio — de desenho e pintura.

Padre Mestre Fr. Pedro (Bispo de Chrysopolis) — de religião, mathematicas e rudimentos de latim.

Candido José de Araujo Vianna (Visconde de Sapucahy) — de latinidade, sciencias positivas e litteratura.

Alexandre Vandelli — de sciencias naturaes.

abstenção de applicação tão prolongada (*). Tal disposição de espirito, favorecida por uma memoria estupenda, devia produzir seus naturaes effectos.

Em nenhum dos conhecimentos humanos o Imperador é hospede.

As sciencias phisicas, a historia natural em seus diversos ramos, as mathematicas, a astronomia, são disciplinas de sua predilecção.

Tem-se dado amplamente ao estudo da historia, e seus auxiliares, a geographia, e chronologia.

São-lhe familiares, e objecto de particular attenção os livros sobre arte de governar, direito publico, e internacional, economia politica, e sciencia de administração, em seus diversos ramos.

Conhece a fundo as linguas patria, latina, franceza, italiana, e allemã: sabe a hespanhola, e ingleza; não é estranho á grega.

A ethnographia, a lingua guarany, e os principaes dialectos dos selvagens não-lhe sido assumpto de lucubrações.

Faz as suas delicias a litteratura em geral, sendo cabal conhecedor da classica, e da franceza, italiana, ingleza, allemã.

Esmera-se na cultura da lingua portugueza, que falla, e escreve com pureza superior ao commun dos lettrados.

Todos os annos, desde a infancia, o Imperador visitava a fazenda de Santa Cruz, dando-se á caça, em cujo exercicio se tornou mui destro. Tambem se exercitou no jogo das armas, e na equitação.

Sabe musica, desenha e pinta, e tem extensas noções de architectura. E' em taes materias competente juiz.

Está em dia com os descobrimentos, e invenções, e geralmente com o progresso das artes, e sciencias.

A sua casa predilecta no Paço é a vasta sala, que para livraria mandou construir, com todas as condições desejaveis, na parte mais elevada do Palacio, propria para estudo pelo isolamento, pelo socego, pelo festivo, e magnifico horizonte, que de suas janellas se descortina, e sobre tudo pela multiplicidade de elementos de estudo, que naquelle academico recinto se acham reunidos: — profusão de atlas, mappas, desenhos, esculpturas, manuscriptos, livros. (**)

(*) Muitas vezes o Sar. Bispo de Chrysopolis, sendo já adiantada a noite, se transportava ao aposento do menino, e achando-o sobre os livros, lhe representava que sua idade teura não comportava semelhante assiduidade, com que a saude, e até a natureza se lhe podia prejudicar. Convidava-o a recostar-se, e apagava-lhe a luz. Algumas vezes voltando, passada meia hora, ou uma hora, tornava a achar o estudantinho sobre seus livros, tendo por si mesmo reaccendido as luzes!

(**) A livraria particular do Imperador é numerosa, e escolhida. De dia em dia se vai enriquecendo, por quanto S. M. tem agentes seus especiaes em Pariz, e Lishoa, com ordem geral para lhe remetterem, apenas sahem á luz, todas as obras de importancia, e em qualquer idioma, que na Europa se forem publicando.

restante parte deste pavilhão é consagrada a um muséu, sala de Physica, observatorio astronomico, gabinete telegraphico e identicas pertencas.

Nesse templo das lettras, nessa bibliotheca, recebe elle algumas vezes os nacionaes, e estrangeiros sabios, a quem deseja distinguir, nas mais amenas praticas litterarias. Em taes occasiões, totalmente desaparece o superior, desvelando-se para só parecer igual; o imperante, para só dar logar ao sabio. E' nessas tranquillias palestras, exemptas de todo o cerimonial, e em que o cidadão hierarchicamente mais obscuro é posto tanto á sua vontade, como se estivesse a sós com um seu confrade em lettras, que o Imperador mostra, em phrase desambiciosa, mas com o maior brilho de idéas, a vastidão de seos saber em todos os ramos dos conhecimentos humanos; conversação sempre variada, solida, instructiva, suavissima.

Quantos estrangeiros o têm tractado, juizes habilitados, affirmam que tão admiravel, e cultivada intelligencia honraria qualquer dos primeiros thronos do mundo. Um delles dizia, após a exposição dos fundamentos de sua opinião enthusiastica: — « E' fortuna para um povo ter um homem tal no throno; mas seria fortuna ainda maior se em escala menos alta a sociedade aproveitasse o que tal intelligencia poderia produzir. »

Poetas, historiadores e sabios estrangeiros se têm dirigido ao Imperador, escrevendo-lhe, e dedicando-lhe ou offerecendo-lhe suas obras, e com alguns se tem S. M. I. correspondido. Entre aquelles ou estes figuram os Srs. Lamartine (*), Humboldt, Manzoni, Alexandre

(*) Cada um destes preclaros nomes poderia dar logar a valiosos, e honrosissimos trechos, mas veda-nos pormenores a estreitesa dos limites deste escripto. Não é possivel todavia resistir ao impulso de transcrever aqui uma carta, cuja copia é devida a um benevolo amigo do immortal author das Meditações, das Harmonias e do Jocelyn; genio como orador, genio como publicista, genio como historiador, genio como governante, genio até como revolucionario, mas sobretudo, e mesmo em cada uma daquellas qualidades, assombroso genio como poeta... não como poeta que alinha versos, ou vivifica inspirações; mas poeta d'alma, que procura através da vida da humanidade a solução do problema eterno da philosophia; que talvez anteveja, e domine, das emnencias de seu espirito, as realidades do porvir, hoje acoimadas de utopias.

Lcamos, com devoto recolhimento, estas linhas, que tanto honram ao principe dos poetas como ao principe philosopho:

« Sire! — Je reçois par Mr. Boulanger la nouvelle faveur que Votre Majesté et Sa Majesté l'Impératrice ont bien voulu le charger de me transmettre. Cet honneur m'autorise à leur exprimer une seconde fois ma respectueuse reconnaissance.

« Tous les sujets de Votre Majesté, qui viennent ou qui écrivent du Brésil, se félicitent unanimement de vivre sous un prince qui a éteint dans le nouveau monde cette éternelle dispute entre les natures de gouvernement, républicain ou monarchique, par son caractère et par ses vertus: la liberté des républiques sans leur instabilité, la perpétuité des monarchies sans leur despotisme.

Herculano, Ferrão, Fleischer, Antonio Feliciano de Castilho (*), e outros.

Tem finalmente o Imperador distinguido com mercês honorificas todos os sabios estrangeiros que as tem querido aceitar.

Supponmos não commetter censuravel imprudencia, reproduzindo alguns juizos por S. M. enunciados, n'um daquelles quasi familiares colloquios litterarios, que tanto e tão nobremente o deliciam. Haverá nesta revelação abuso de alta confiança? Deveria ser-nos defesa a repetição de palavras, apresentadas particularmente como opinião modesta, e sem se imaginar que a imprensa houvesse de fixa-las? Talvez: e sendo assim, *me me adsum, in me convertite ferrum*.

Após longa e brilhante resenha das mais fidalgas producções do engenho humano, pouco mais ou menos nestes termos se exprimia o imperial orador:

« Encanta-me a leitura da Biblia. Nella não vemos sómente o pacto fundamental da nossa religião, senão que tambem (mórmente em alguns dos livros santos) os mais admiraveis modelos de estylo, na elegancia, na grandeza, nas imagens, na altiloquia, na inspiração verdadeiramente divina. Os prophetas são os primeiros poetas do mundo: as *Lamentações* de Jeremias, deplorando a sorte de sua patria; a sublimidade de idéas, a energia dos quadros, a vehemencia de estylo de Isaias, no *cantico* sobre a *Ruina de Babylonia*; Daniel annunciando a vinda do Messias, e as revoluções dos quatro grandes imperios; Ezequiel em seu estylo allegorico, posto que um tanto obscuro, mas sempre colorido e vigoroso; tudo isso são paginas

« J'ajoute que le goût des lettres sérieuses illustrera ce règne par des bienveillances dont j'ai le bonheur d'être un exemple.

« Voltaire a été encouragé par celui qu'on appelle le grand Frédéric; mais Voltaire était heureux et jenne; je suis consolé dans mes adversités et dans ma vieillesse par la munificence de Votre Majesté. Voltaire distribuait la gloire et je n'ai à offrir que ma reconnaissance. Les bienfaits de son royal ami étaient intéressés; ceux de Votre Majesté sont gratuits. Le prince philosophe dépasse le poete couronné de Potsdam.

« J'ai l'honneur d'être avec un profond respect de Votre Majesté Imperiale le très humble et très obéissant serviteur. — AL. DE LAMARTINE. — Au Chateau de St. Louis près Maior, 24 Septembre 1861. »

(*) O primeiro poeta portuguez, o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, mui de perto tractou S. M. I., que nesta Côte seguiu por muitas vezes o curso normal de *Leitura Repentina*, nobre e desinteressadamente professado pelo sabio escriptor; e por muitas vezes teve no Paço conferencias de muitas horas com o seu imperial consocio em letras. Antes desse tempo, e depois, manifestou o Sr. Castilho a sua admiração dos dotes de espirito do Sr. D. Pedro II. Andam em mãos de todos as duas portentosas *epistolas* a S. M. a Imperatriz, sollicitando sua intervenção juncto ao Soberrano, para obter o perdão de um desgraçado velho portuguez, condemnado a doze annos de trabalhos forçados, e para agradecer a mercê concedida. Nesses, como n'outros muitos passos, se exaltam os titulos do Imperador á gratidão da humanidade; mas não podemos resistir ao impulso de transcrever aqui em seguida a dedicatória do magnifico drama *Camões*, e da nota que a esta dedicatória allude. Ei-la:

de que o espirito humano se ensoberbeceria, ainda quando não fossem revelações divinas. Não ha quem as leia sem sentir profunda commoção. E' tambem Tertuliano, e principalmente a sua *ferrea Apologetica*, uma das obras religiosas que mais me exaltam.

« Entre os historiadores da antiguidade muito me apraz Thucydides. O autor da *Historia da guerra do Peloponeso*, o modelo de

TU, que entre amor dos Teus, e universal assombro,
Firme n'um Sceptro immenso, os olhos no porvir,
Volves, JOVEN ATLANTE, um aureo mundo ao hombro,
E sorrindo-lhe luz Lhe ensinas a florir ;

Filho, e Gloria, do Heróe Semideos em dous mundos,
Cuja urna eu c'roei, como um votivo altar ;
Ou como o Teu colosso, em palmares fecundos,
Musas do Teu Brasil hão-de cedo engastar ;

Se o destino um Diadema em Teu Berço ha lançado,
D'esse Don casual não me-attrahe o esplendor :
Tens mais nobre Diadema ! eterno ! conquistado !
Quem mede em TI o sabio, esquece o Imperador.

Sobre Paços de Reis, e sobre um tecto ignoto,
Pode um astro de Deus commum resplandecer ;
Tu no Solio, eu no exilio, um do outro tão remoto,
Ambos damos um culto ao merito, ao saber :

Quantas vezes (quem sabe ?) o estudo á mesma hora
Nos haverá raiado igual inspiração !
Como na minha Lyra estás fulgindo agora,
Talvez um canto meu lá Te-encha o coração !

Não me-julguem vaidoso : os ocios Teus campestres,
Meu Cesar, não sei eu que me têm juncto a TI ?
E que entre a profusão d'autores nossos mestres
Tu sonhas sonhos meus, folheando o que escrevi ?

Alma irman da minh'alma ; ó TU, cuja poesia,
Mais que a minha feliz, não se exhala em vãos sons ;
Mas povoa de bens infinda monarchia ;
Verte a povos sem conta os mais formosos dons ;

Poeta Omnipotente ; acceita o meu tributo.
Não é mais que um retrato ; um livro ; um nada : sim ;
Mas n'um germen contém-se incalculavel fructo ;
Mas ás vezes um nada encerra bens sem fim.

Feliz eu ! feliz TU ! feliz Teu vasto Imperio,
Se outra vez neste livro attentos olhos pões !
Renascem Grecia e Lysia em melhor hemispherio !
Cantam, sem mendigar, Homeros e Camões !

De toda a parte o genio, artes, sciencia, estudo,
Vão de Teu Solio á sombra encher os fados seus
Regenera-se a terra ! o Teu favor fez tudo ;
Carpiste sobre um Vate.... e fizeste-te um Deus !

Illa de S. Miguel, 4 de Agosto de 1849.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

Segue a nota a que allude esta dedicatória :

Demosthenes, deveria sê-lo de todos os historiadores: imparcialidade, methodo, instrucção, bom juizo, tudo o habilita a explanar habilmente (e como sempre, para ser util, conviria á historia) as causas, molas e consequencias dos successos; assim o seu vigôr fosse um tanto mais temperado por poesia de estylo. Ainda mais me agrada Tacito, o conciso, o imparcial, o philosopho, o verdadeiro, o eloquente profligador do crime e da tyrannia.

« Feliz Augusto, que tratou, premiou e inspirou taes vultos, como Virgilio e Horacio. Aquelle, rival de Homero, será sempre o typo da perfeição; este, sublime como Pindaro, gracioso como Anacreonte, numeroso como Archiloco, e Sapho, este poeta intraductivel, como todos os grandes poetas, satisfaz tanto mais na leitura, quanto exige frequentemente attenção, e estudo, para conceder essa gratificação.

« O, em todos os sentidos primeiro, poema da lingua italiana, a *Divina Comedia*, é das mais extraordinarias concepções. Affastados por mais de seis seculos daquelle idioma, daquellas allusões, daquellas obscuridades, que já no seu tempo o eram, não saboreamos hoje a *Trilogia*, como fôra para desejar; mas por tal arte me eleva a sua leitura, que conservo de memoria os mais notaveis de seus cantos.

« Compulso com respeito as obras de Bossuet, parecendo-me a sua *Historia das Variações* modelo de analyse e argumentação; o *Tratado do conhecimento de Deos e de si mesmo*, obra de profundo philosopho e grande escriptor; as suas *Orações funebres*, essas irresistiveis demonstrações do nada das grandezas humanas, zenith da eloquencia. »

NENHUM motivo me induziu a dedicar este poema a SUA Magestade Imperial, o SENHOR DOM PEDRO SEGUNDO, senão o desejo de dar publico e solemne testemunho de veneração a um PRINCIPE, que na flor da idade é já maduro para a sabedoria; que ama e pratica as lètrras, como as virtudes; e por quem o maior Imperio se tornará tambem o mais ditoso. Escriptor sempre amante d'esta formosa lingua de Camões, eu devia tambem esta homenagem ao ESPIRITO DISTINCTO, que familiarisado com as mais opulentas litteraturas dessa Europa, comprehendendo e avaliando as bellezas de seus idiomas, se delicia, com uma especie de preferencia filial, nos livros bons da lingua de seos avós. Em summa, e porque tudo diga, era já de muito para mim imperiosa necessidade do coração pregoar alto o meu enternecido agradecimento para com um GENIO, que ainda sem Corôa seria admirado, o qual entre os cuidados de reger um mundo, não desdenha pôr algumas vezes olhos benevolos nos meus escriptos.

O primeiro ouvinte deste Poema foi SUA Magestade Imperial, que na sua quinta de S. Christovão teve a bondade de permittir, se lêsse inteiro, e de um só folego, na sua AUGUSTA PRESENÇA; e, consinta-se-me a gloriosa revelação, o honrou com reflexões, ao mesmo tempo de profundo Juiz, e de Protector benevolo, permittindo a final que sob tal e tamanho nome, e Auspicios tão Faustos, saísse, como sae, a publico.

Os votos que cerram e cordam a Dedicatória, na consciencia tenho que são propheticia. Essa obra posthuma de Camões haverá sido de todas as suas, a mais bella.

Dos classicos portuguezes deu o sabio interlocutor largas noticias, e depois de haver fallado especialmente de João de Barros, padre Vieira, dos dous Bernardes, Camões, Lucena, e outros, continuou assim :

« Mas, entre esses todos, o escriptor das minhas sympathias é o admiravel autor da *Historia de S. Domingos* e da *Vida de Bartholomêo dos Martyres*. Essa elegancia de prosa, essa amenidade de estylo, essa sublimidade de conceito casam-se tanto com as condições naturaes da minha admiração, que talvez seja o meu affecto a este grande mestre, que me leva a considerar o drama *Fr. Luiz de Souza* como a primeira entre tantas distinctas obras de Garrett.

« Cultivam em Portugal com grande distincção as letras neste seculo, e mórmente desde o fim do seu primeiro quarto. Muitos desses escriptores são dignos de honrosa menção; e nessa pleiade brilhante avultam em primeira plana Alexandre Herculano, cuja gravidade de dizer, e valentia de estylo me parecem inexcediveis; e Antonio Feliciano de Castilho, cuja musa, que não envelhece, tem produzido os maiores milagres poeticos da nossa lingua. »

Basta. Ahi fica lançado quanto revele quaes os estudos de S. M. I., a indole de sua intelligencia, seus gostos litterarios, suas relações com os sabios, os dotes de seu espirito.

J. P. DE C.

(*Continua.*)



O ENSINO ÀS CLASSES OPERARIAS.

O Christianismo foi a obra complementar da criação ; o *fiat lux* do mundo moral.

O grande dogma da igualdade universal, transformando as sociedades humanas, vasando-as em moldes mais amplos, modificou profunda e essencialmente a existencia e destino de todos os povos.

Novos e mais vastos horisontes se patentearam desde então á humanidade.

Ao desaparecimento das castas, succedeu o nivelamento das condições sociaes, pela communhão de idéas e pela reciprocidade de interesses. D'ahi a emancipação da mulher, como entidade civil, e a legitimação de todas as aspirações individuaes, manifestadas nos dominios da legalidade.

Estas conquistas, a que os seculos tem prestado a sua sancção, e que, em todos os paizes cultos, vão recebendo a consagração das leis, não foram desde logo aceitas em toda a sua plenitude.

As verdades superiores, como os inventos notaveis, tem quasi sempre, segundo pondera um escriptor conspicuo (*), de reproduzir-se em seculos posteriores, para obterem a aceitação que não lograram alcançar desde o momento de seu primitivo apparecimento. E' a marcha constante das grandes idéas.

« A principio, diz R. de Fontenay, alguns homens, de longe em longe, deixam cahir as primeiras palavra sem uma especie de somnambulismo iníspirado, e sem que elles proprios avaliem bem o alcance do que dizem. As turbas passam distrahidas por junto delles sem ouvir nem ver, calcando aos pés essas sementes do futuro perdidas no pó. Em um bello dia, porém, os germens despontam de todos os lados; chegou-lhes a época da florescência: invadem a terra. »

Para a reforma radical, operada nas sociedades humanas pelas

(*) F. Laurent.

luzes do Christianismo, já de ha muito soou o momento da florescencia. Consolidar e completar essa obra grandiosa, eis o mais nobre empenho do nosso seculo, e dos que se lhe tem de seguir, e aos quaes havemos de legar o opulento patrimonio de nossa experiencia.

Para demonstrar irrefragavelmente esta verdade, basta attentar por um pouco na preoccupação geral dos espiritos eminentes em prol dos destinos sociaes da mulher, e das classes menos afortunadas da sociedade; dessas classes, das quaes não poucas vezes se hão alevantado vultos, taes como Guttemberg, Watt, Arckwright, Jacquart, e outros, cujos nomes a rasoura do tempo não conseguirá expungir dos annaes da historia, pois que se acham de um modo imperecivel vinculados a invenções e melhoramentos, que illuminando a mente do homem, hão consideravelmente alargado a esphera de acção do commercio e da industria.

Não é raro tambem d'entre a turba dos desherdados da sorte ver surgir alguns desses entes de eleição, poetas, philosophos, pensadores, que assomam por um momento no horisonte dos seculos para atirarem ás auras da civilisação o pollen de idéas regeneradoras, baixando em seguida ao tumulto envoltos no sudario da miseria.

Traçando a pungente historia dos infortunios de Gilbert, de Chatterton, e de André Chénier; e apreciando, em relação a cada um delles, a influencia exercida sobre seus destinos pelas fórmulas de governo denominadas — absolutismo, systema representativo e republica: eis como se expressa Alfredo de Vigny:

« Assim, pois, das tres fórmulas possiveis de governo, a primeira teme-nos, a segunda despreza-nos por inuteis, a terceira abomina-nos e livella-nos como superioridades intellectuaes. Dá-se que sejamos os Illos eternos das sociedades? »

Sem deslembrar tão dolorosas anomalias, que talvez ainda em nossos dias e sob qualquer dos regimens existentes se possam renovar, e as quaes, em que nos peze, não nos é dado capitular de raras excepções fóra, comtudo, impossivel, sem cerrar os olhos á evidencia dos factos, deixar de reconhecer e proclamar as assignaladas conquistas que, em todos os ramos dos conhecimentos humanos, se tem realisado; e bem assim de confessar que as condições de existencia das sociedades, regularmente coustituidas, hão sensivelmente melhorado.

Entretanto, a par com o progresso incontestavel, que se nota universalmente, vê-se com entranhavel magoa que a miseria agri-

lhôa ainda os pulsos de uma parte consideravel da sociedade humana; e que, para contrastar a grandeza e fausto das mais opulentas nações, vegeta ao lado dellas, nos limbos da ignorancia e da penuria, uma tribu inteira de artistas e operarios para os quaes nem sequer chegam os sobejos do banquete opiparo da civilização moderna. São os vencidos, que o carro do progresso arrasta após si.

Lancemos, pois, olhares compassivos sobre esses infelizes, chamemos sobre elles a attenção geral, e quanto esteja ao nosso alcance indiquemos-lhes tambem os meios de libertarem-se da triste situação, a que desde tanto seculos se acham condemnados.

A liberdade de trabalho e a igualdade civil existem de direito e a pratica diuturna as corrobora. Ha, entretanto, crueis excepções.

Quem ignora que o pauperismo vai solapando as sociedades mais fortemente organisadas da Europa; e que pôde, ainda que em remoto futuro, ameaçar com o luctuoso cortejo de suas desgraças alguns dos Estados do novo Continente? E serão impotentes quantos esforços se possam envidar, senão para extirpal-o, ao menos para attenuar-lhe os maleficos effeitos?...

O lar domestico, a vida da familia constituem a existencia normal da mulher. A sua co-participação na vida politica não passa até o presente de mera utopia, que, aliás, não é justo confundir com a aspiração legitima, que deve ter toda a pessoa de prover á sua subsistencia pelos recursos da propria intelligencia e actividade.

Para a mulher instruida o magisterio é o mais seguro refugio: e, bem que, na generalidade dos casos, as habilitações profissionaes dos mestres inspirem mór confiança que as das mestras, comtudo, em razão do seo sexo, tem estas decidida vantagem sobre aquelles, quando se trata de sua admisão no gremio da familia.

Mas, por isso mesmo que todas as que se acham em condições de dedicar-se ao magisterio, buscam de preferencia essa profissão, o valor de seos serviços tende inevitavelmente a amesquinhar-se em virtude de uma lei economica.

As que não possuem as luzes da instrucção tem de entregar-se a trabalhos manuaes, que, além dé escassamente retribuidos, são em grande parte desempenhados, e alguns bem impropriamente, por individuos de outro sexo; accrescendo a isto que a applicação successiva das machinas vai, de dia para dia, restringindo a escala dos serviços, a que se poderiam consagrar.

A mulher, pois, que se acha na dura contingencia de saccar do seo trabalho os meios de subsistencia, terá forçosamente de arcar com innumeradas difficuldades. — Feliz della se a consciencia do dever.

e a fortaleza de seos principios moraes a ampararem sempre nō caminho da honra!..

Senão... a sociedade, que a não soube proteger, que lhe não estendeo a mão, quando estava prestes a afundar-se no abysmo, virá pressurosa imprimir-lhe na frente o ferrete da ignominia, em nome da justiça fallivel da terra!

Apezar de tudo, porém, não vituperemos o nosso seculo, pois que nunca a mulher subio tão alto na escala social, nem sequer nos tempos da civilisação romana, em que as Lucrecias e Cornelias offerciam exemplos memoraveis da verdadeira mãe de familias.

Entretranto, se não é possivel abrir caminhos mais espaçosos e menos accidentados de precipicios á mulher, que intenta viver pelos proprios recursos, que, ao menos, não seja transcurada a educação das mães de familias. São ellas o primeiro guia, o primeiro mentor de seos filhos, e em beneficio destes revertará a instrucção que se lhes houver ministrado.

E que não esqueça que a mulher, não sendo, em geral, obrigada a uma vida activa externa, tem por essa razão mais intima convivencia no lar domestico, e póde, pois, mesmo fóra da orbita dos deveres da maternidade, exercer uma influencia mais immediata e decisiva sobre a educação intellectual e moral da puericia. Ninguem ha que desconheça quão indestructiveis são as primeiras impressões, que recebe a intelligencia de uma criança: e essas impressões de quem emanam ordinariamente senão da propria mãe e das pessoas do sexo feminino que com ella cohabitam?

Pela educação da mulher actuemos, pois, sobre os destinos das gerações por vir.

Pelo que respeita aos homens, tambem para elles a posição de operarios é ainda sobremodo contingente e penosa. Mesmo nos paizes mais adiantados escasseam-lhes os recursos e impoem-se-lhes trabalhos incomportaveis. Nas grandes manufacturas de Lille, Saint-Quentin e Amiens, por exemplo, exige-se dos operarios serviço tão excessivo, que lhes fóra physicamente impossivel resistir-lhe se assiduamente o desempenhassem. Acontece, pois, que os operarios trabalham tres ou quatro dias na semana, percebem o salario que lhes é devido, e vão incontinenti refocillar-se na embriaguez e associar-se á companhia da gente de ruim condição, que sóe encontrar-se nos logares que elles commumente frequentam. (*)

E' seguramente bem triste um tal espectaculo á luz do seculo

(*) Estes factos, que deixamos apenas indicados, são consignados e apreciados com superior criterio por Jules Simon, em uma obra recentemente publicada.

XIX! Entretanto é forçoso reconhecer que o operario precisa, como qualquer outro individuo, senão mais, após o labor diario, do repouso, que lhe retempere as forças, do ar livre, que lhe alente o corpo, e da expansão do espirito, tanto tempo retrahido sob a pressão do trabalho material. E como, em geral, para os operarios não existem outros centros de reunião, eil-os nesses lubricos logares a engolpharem-se na orgia, esquecidos de si, e quantas vezes da consorte e dos filhos!

E os sinistros efeitos dessa vida desregrada não tardam a fazer-se sentir sobre elles e sua prole. As compleições mais robustas enervam-se, apparecem os padecimentos chronicos, e o operario vê-se, por seu estado morbido, inhabilitado para o trabalho no ultimo quartel da existencia.

E' o que infelizmente entre nós começa já tambem a observar-se. A caridade publica ou particular não raro acorrem desveladas em auxilio do operario valetudinario e pobre; e os que praticam essa virtude sem par exercem certamente então a mais augusta missão. Mas a caridade, que se não deixa illuminar pela reflexão, que é tão sómente guiada pelos impulsos generosos do coração, pôde, a despeito da santidade de sua intenção, converter-se por vezes em um incentivo ao vicio da mendicidade; pois que, em taes casos, tornando-se um elemento permanentê de soccorro, affecta a dignidade daquelle a quem busca proteger, fa-lo habituar-se á ociosidade e perder os instinctos moraes, que ennobrecem o homem.

« O individuo que tem a certeza de ser sempre soccorrido, escreve um economista contemporaneo, (*) e sobretudo de se-lo officialmente, conta com o soccorro como um recurso natural que lhe é devido; habitua-se a estender a mão, a procurar antes a esmola do que o salario; e não mais se arreceia de augmentar sua familia ou de fazê-la viver á custa alheia. »

Mas, abstrahindo da caridade publica ou particular, sempre meritoria, se a inspira a virtude, e valiosissima em muitos casos, mórmente nos de crises imprevistas, que privam os operarios de adquirir pelo trabalho licito os meios de subsistencia, não haverá algum outro recurso que, em circumstancias normaes, possa contribuir para o melhoramento das condições de existencia das classes operarias? Ha; o espirito de associação o suggere, e a previdente Inglaterra nol-o ensina.

Existem alli, graças á applicação salutar desse fecundo espirito,

(*) J. Garnier.

associações que se denominam *Metropolitan Societies*, nas quaes os operarios de Londres encontram por modico preço a alimentação necessaria. São esses os centros de reunião em que os operarios diariamente se encontram com seus pares, com elles praticam, e onde, além disso, pódem entregar-se a leituras proveitosas, pois que uma bibliotheca faz sempre parte integrante desses uteis estabelecimentos.

E' este seguramente um dos mais efficazes meios de combater a ociosidade, a vinolencia e tantos outros vicios ignobeis e degradantes, que se adquirem nas más companhias, e a cuja fatal influição bem difficil é esquivar-se. Mas, para applical-o com probabilidades de bom exito, é preciso antes de tudo disseminar a instrucção pelas classes operarias, buscando especialmente inocular no animo dellas alguns dos sãos principios da sciencia economica.

Dest'arte conseguir-se-ha eleva-las a uma situação moral e intellectual, que lhes permita a livre iniciativa e execução de instituições analogas, as quaes, unicamente sob taes condições, podem produzir vantagens perduraveis.

Abracemos, pois, esse meio; levemos a morigeração pela cultura do espirito; reabilitemos pelo baptismo da luz as classes decahidas pela cegueira da ignorancia, no intuito de nobilitar essas mesmas classes eminentemente uteis á sociedade, quando as realçam os predicados de moralidade e instrucção.

Mas a instituição de associações, destinadas a congraçar pelos laços da instrucção as classes operarias, deixará de apresentar resultados menos auspiciosos em outros paizes? A sua exequibilidade e as vantagens della resultantes derivam unicamente do caracter peculiar dos filhos da Gran-Bretanha? Em outros Estados, regidos pela mesma fórma de governo, serão improficuos taes esforços, quando habilmente dirigidos? (*)

A' opinião, que considera exclusivas desse paiz as instituições de semelhante natureza, não faltam decididos proselytos; entretanto é

(*) Em abono da opinião que adoptamos, subministra-mos a *Revista da Instrucção Publica*, de França, um novo e valioso argumento.

Noticia esse periodico que, em Paris, acaba de instituir-se uma bibliotheca popular, na qual, mediante a exigua mensalidade de 160 rs. da nossa moeda, e uma joia de cerca de 400 rs., não só se facultam aos subscriptores livros para a leitura naquelle estabelecimento, mas ainda para estudos em suas casas.

Essa instituição tem encontrado o mais benevolo acolhimento, e promete corresponder á geral expectação.

Achando-se já prompto para a imprensa o presente artigo, limitamo-nos neste lugar a dar conhecimento desse feliz tentame em favor da instrucção popular, sem entrar nas considerações que o assumpto suggere.

ella victoriosamente confutada pelo conde Montalembert, que nada encontra de especial nas instituições de que goza a Inglaterra, reputando-as apenas o desenvolvimento intelligente e progressivo das que fruio toda a Europa, com excepção do imperio bysantino, durante o periodo da idade média.

Não ha, portanto, razão para descrever do feliz succedimento de commettimentos dessa ordem, em qualquer paiz, e sob qualquer fôrma de governo; com tanto que de todo se reneguem das tradições administrativas, que, exagerando a tutela do poder executivo, matam, ou pelo menos consideravelmente cercêam e empecem a liberdade da iniciativa individual; tendendo por este modo a manter as sociedades em estado permanente de minoridade.

Façamos, pois, conscienciosamente convergir para esse elevado fito os nossos preseverantes esforços, na certeza de que, segundo a judiciosa observação do economista citado — não ha dons meios de subir na escala social, ha tão sómente um: aquelle que nada possui deve esforçar-se por empregar o seu tempo de um modo lucrativo e continuo, por economisar o respectivo salario, e capitalisa-lo sob uma fôrma material, ou sob uma fôrma immaterial, adquirindo mais saber e aptidão—; principio este cuja applicação ás classes operarias lhes proporcionará por conseguinte a aquisição de maior somma de faculdades productoras, e concorrerá para o melhoramento das suas condições de existencia.

Se as considerações, que deixamos succintamente expendidas, lograrem despertar a attenção dos espiritos pensadores em favor da instrucção ás classes operarias e da educação aos individuos que por suas condições sociaes são a ellas naturalmente destinados, achar-se-ha plenamente realisado o pensamento com que traçámos as presentes linhas.

Oxalá o tenhamos conseguido, pois só assim poder-se-ha effizamente cooperar para a formação de uma fracção da sociedade, altamente productora, amante do trabalho e conscia dos seus deveres e direitos. E a essa fracção da sociedade, hoje, senão menoscabada, pelo menos esquecida, competirá então de direito um gráo de consideração tão elevado, que a fará votar-se com satisfação aos encargos da sua profissão, e não mais pretender abandona-la; salvo quando conhecimentos especiaes e provada vocação habilitarem algum de seus representantes a occupar na sociedade posições mais brilhantes, talvez, porém não de certo mais nobres nem mais uteis, vislo que o operario morigerado e intelligente, activo e economico, é um cidadão verdadeiramente benemerito da patria.

27 de Julho de 1862.

GUILHERME BELLEGARDE.



Faça-me favor do seu fogo?

« Faz-me favor do seu fogo,

« Se não vae com muita pressa?

— Tenho alguma, que o trabalho
Está longe á minha espera. —

« Trabalhar !... Não cáia nessa.
« Eu, cá, só vivo do jogo,
« E é do jogo que me valho,
« Nem outra vida quizera;
« Além disso, alguma peça
« Que aos amigos vou pregando,
« Tudo rende, e eu vou andando. »

— Pois sim, sim, ande ligeiro. —

« Ligeiro?... Não é possível :
« Passei a noite acordado,
« Perdendo muito dinheiro,
« E já vê que não é crível
« Que ligeiro eu seja agora. »

— Mas, senhor, tanta demora ! —

« Que quer? Estou quasi morto ;
« Sem dormir em toda a noite,
« Bebendo vinho do Porto !...
« Se me dessem com o açoite
« Não soffria talvez tanto. »

— Mas... não me esgote a paciência ;
Você cuida que eu sou santo? —

« Pois, senhor, como lhe digô,
« Parece que a Providencia
« Anda, ha muito, mal comigo.

— Ou com Deus, ou com o diabo,
Deixe-me ir cuidar na vida. —

« Alto! Espere, meu amigo,
« Não leve as cousas ao cabo,
« Que isto não vai de corrida :
« Pois, como eu lhe ia dizendo !...
« Que diabo !... Não accendo !...
« Agora vai.... Pois.... meu velho....

— Velho, quem?... Você é louco? —

« Isto assim não vai direito ;
« Mas.... como eu dizia ha pouco,
« O senhor, que é bom sугeito,
« Hade me dar um conselho.

— Qual conselho ! O que eu desejo
E' que siga o seu caminho....

« Ai... adeus.... pelo que vejo,
« O senhor é sugueitinho
« Que padece do nervoso. »

— Que massador ! Que teimoso,
Que me rouba um dia inteiro ! —

« Pois, meu bem, foi-se o dinheiro
« Todo, e mais algum de abono,
« Que heide pagar no outro mundo. »

— Pois não seja vagabundo. —

« Oh ! senhor ! Meu Deus, que somno !
« Vagabundo !... O jogo é moda ;
« Até vossa senhoria,
« Lá na sua grande roda,
« Tambem joga até ao dia. »

— Acabe, acabe, que é tarde. —

« Mas, então !... Se o seu charuto,
« Por mais que eu chupe, não arde ;
« Quem seria o grande bruto
« Que lhe impingiu tal fazenda ?

— Não lhe importe. Accenda, accenda, —

« Mas, se o charuto não presta ! »

— Como? Charuto de Havana!... —

« E' d'Havana? Inda mais esta;

« Pois cuidei que era da venda;

« Isto é casca de banana

« Em palha sêcca embrulhada. »

— Homem, basta de massada. —

• Tem razão: muito bem dito;

« Pois vou eu puxar agora

« O seu charuto maldito. »

— Ai.... ai.... ai.... bote isso fóra,

Deixal-o ficar na rua;

Não o quero assim, babado

De boca, tal como a sua. —

« Pois adeus. Muito obrigado. »

E o homem da casaca foi-se andando,
Contra o vicio do fumo praguejando,
Que a massada lhe deu do tal ratão;
E o do chapéo de sol ficou-se rindo,
Sem poder caminhar, quasi dormindo,
Sustentando um charuto em cada mão.

Vê-se bem na elegancia do primeiro,
Que é velho e respeitavel estrangeiro,
Que figura já fez, se hoje a não faz;
A luneta, as suissas e a gravata,
Dão a idéa d'antigo diplomata,
E *leão*, nos seus tempos de rapaz.

No segundo, da vista o só recurso
Mostra bem um camello, filho d'urso,
Com a humana mistura, inda a fugir;
Molestia não a tem, é bem sadio,
Tem por modo de vida o ser vadio,
Comer, beber, jogar, fumar, pedir.

Tendo a Constituição na velha estante,
Sem outra cousa ler, sabe — e é bastante —
Que são todos iguaes perante a lei;
E, do templo de Baccho sacerdote,
Invocando o seu deus, forja o calote,
Que prega ao pobre, ao rico, ao nobre e ao rei.

De nojento charuto sempre armado,
Faz parar o fidalgo empavesado,
Porque a parva etiqueta o manda assim;
E em quanto a transmissão do fogo intenta,
Procura commover, contos inventa,
E chega a conseguir damnado fim.

Recusa ao seu pedido não receia,
Pois vê que muita gente á custa alheia
Sustenta, ufana, quantos vicios tem;
E o que não faz do fogo o sacrificio,
Do seu bolso inda paga meio vicio,
E hade o resto, por fim, pagar alguém.

E se o dar fogo é lei da sociedade,
E' motor este vicio da igualdade,
Só por elle se corta o gordio nó;
E quem nisto medita, em fim remata
Que, de certo, o charuto é democrata,
Ou que a aristocracia é fumo só.

F. X. DE NOVAES.



Do amor nas Lendas Pagãs.

I. — AMOR IDEAL.

Repete-se a cada canto que os pagãos não conheceram o amor ideal; que o mysticismo do coração é de invenção christã; que Platão o entreviu apenas, e d'ahi foi que veio o nome de — amor platónico, que dizem ser desinteressado, isto é, sem fim nem objecto quasi. Eu não sei se Platão, o divino poeta, definia o amor pelo egoismo, fazendo do sentimento o mais concreto uma coisa abstracta, inutil e indefinivel. E' licito duvidar, quando se tenha entrado um pouco no genio grego.

Os Gregos queriam a vida, amavam a realidade, embeveciam-se no movimento, no tumulto do circo, no choque das espheras arremessando faiscas douradas. Para elles, a natureza era a mãe, o ser que concebe e reproduz-se nas fórmas do mundo sensivel. Para elles, o typo era o ideal, mas o ideal vivo, que se revelasse aos sentidos.

Fugi, donzellas! d'essa doença que consome o sangue e exhaure as fontes da vida. Fugi, mancebos! d'esse egoismo que mirra a alma, seccando uma por uma as flores da poesia. O amor ideal é esteril, e os Hebreos apedrejavam a esposa esteril. Bebei o ar da vida, amae e reproduzi-vos, crescei e multiplicai-vos.

Ha nas lendas pagãs uma poetica ficção do amor ideal.

Quem de vós não conhece o narcizo, a flor da primavera, em cuja belleza ha um laivo de melancolia que gela a alma ao contempla-la? Pois nella foi convertido o mancebo d'esse nome, que encarnava em si o amor abstracto, que goza sem dar a gozar, e é o amor-proprio na sua phrase mais egoista.

Um dia, aos clarões da aurora, Venus derramou o cofre das suas graças sobre o berço de um recém-nascido. O menino privilegiado

creceu na senda da vida, como as magnolias do Norte á beira do rio que ouviu os lamentos de Atalá, a angustiada. Luz e perfumes inebriavam-lhe a existencia feliz. Elle era bello como o espirito radiante de Apollo. Amava; mas ah! amava o impossivel, amava a si proprio, a sua propria belleza; e n'esse enamorar-se de si mesmo absorvia-se inteiro, e não escutava as queixas sentidas da misera que o seguia como a sua sombra. Echo, a desditosa nympha, corria montes e valles, por onde quer que o seu formoso caçador levava a comitiva dos raros admittidos á cõrte. Quantas vezes não invejára ella a sorte da corça ferida pelo dardo de Narcizo! A corça tinha merecido a attenção, o olhar, um olhar compassivo, talvez, do cruel forasteiro: ella, a amante desolada, misturava inuteis vozes com os murmurios do vento que passava.

Uma vez, essas vozes passaram melancholicas, e o Destino ouviu-as.

Narcizo, fatigado da caça, sentou-se á borda de uma fonte, clara e polida como os crystaes da Illiria. No fundo desenhava-se uma imagem typica, uma sombra da deusa da belleza. O caçador, enlevado n'essa imagem, que era a sua, achou-se tão bello que, na expansão extatica do amor egoista, cahiu n'um torpor mortal.

Quando Echo veio misturar suas lagrimas com as aguas da fonte traidora, as brisas do poente segredavam cantos em roda de uma flor que desbrochava.

Pobre mancebo! fanou-lhe o egoismo a belleza, e a flor em que metamorphoseou-o o Destino foi dedicada ás potencias infernaes.

Um philosopho inglez commentou esta legenda em outro sentido, mas a conclusão é a mesma. « Tudo o que de si mesmo não dá « nenhum fructo (diz Bacon) e passa e desfaz-se logo como a esteira do navio sulcando as ondas, era pelos antigos consagrado ás « sombras e aos deuses infernaes. »

A flor da primavera symbolisa o amor ideal, que dura apenas a estação das illusões.

O outro, o verdadeiro, o verbo da vida, este deve ser a primeira palavra de um pacto eterno, o primeiro laço de um nó indissolúvel.

Amae, jovens! e refugiai-vos no lar da familia, para que o nosso coração se não converta na flor da primavera, que dura apenas a estação das illusões.

6 de Abril.

MACEDO SOARES.

ASPIRAÇÃO.

(**A. F. X. de Novaes.**)

Qu' aperçois-tu, mon âme? Au fond n'est-ce pas Dieu
Tu vas à lui.

V. DE LAPRADE.

Sinto que ha na minh'alma um vacuo immenso e fundo,
E desta meia morte o frio olhar do mundo
Não vê o que ha de triste e de real em mim:
Muita vez, ó poeta, a dor é casta assim.
Refolha-se, não diz no rosto o que ella é;
E nem que o revellasse, o vulgo não põe fé
Nas tristes emoções da verde mocidade,
E responde sorrindo á cruel realidade.

Não assim tu, ó alma, ó coração amigo,
Nu, como a consciencia, abro-me aqui contigo;
Tu, que corres como eu na vereda fatal
Em busca do mesmo alvo e do mesmo ideal.
Deixemos que ella ria, a turba ignara e vã;
Nossas almas a sós, como irmã junta a irmã,
Em santa communhão, sem carcere, sem veus,
Conversarão no espaço e mais perto de Deus.

Deus quando abre ao poeta as portas d'esta vida
Não lhe depara o gozo e a gloria apetevida;
Tarja de luto a folha em que lhe deixa escriptas
A suprema saudade e as dôres infinitas.
Alma errante e perdida em um fatal desterro,
Neste primeiro e fundo e triste limbo do erro,
Chora a patria celeste, o fóco, o centro, a luz,
Onde o anjo da morte, ou da vida, a conduz,
No dia festival do grande livramento;
Antes disso a tristeza, o sombrio tormento,
O torvo azar, e mais, a torva solidão,
Embaciam-lhe n'alma, o espelho da illusão.
O poeta chora, e vê perderem-se esfolhadas
Da verde primavera as flôres tão cuidadas;
Rasga, como Jesus, no caminho das dôres
Os lassos pés; o sangue humedece-lhe as flôres
Mortas ali, e a fé, a fé-mã, a fé-santa,
Ao vento impuro e mau, que as illusões quebranta,
Na alma que alli se vae, muitas vezes vacilla. . . .

Oh! feliz o que pode, alma alegre e tranquilla,
 A esperança vivaz, e as illusões floridas,
 Atravessar cantando as longas avenidas
 Que levam do presente ao secreto porvir!
 Feliz esse! Esse pode amar, gozar, sentir,
 Viver, emfim! A vida é o amor, é a paz,
 Quente a illusão no peito, a esperança vivaz;
 Não esta do poeta, esta que Deos nos pôz,
 Nem como inutil fardo, antes como um algôz.

O poeta busca sempre o almejado ideal....
 Triste e funesto affan! Tentativa fatal!
 N'esta sede de luz, n'esta fome de amor,
 O poeta corre á estrella, á briza, ao mar, á flôr;
 Quer ver-lhe a luz na luz da estrella peregrina,
 Quer-lhe o aroma sentir na rosa da campina,
 Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar;
 O' inutil esforço! O' improbo lutar!
 Em vez da luz, do aroma, ou do alento ou da voz,
 Acha-se o nada, o torvo, o impassivel algoz!

Onde te escondes, pois, ideal da ventura?
 Em que canto da terra, em que funda espessura
 Foste esconder, ó fada, o teu esquivo lar?
 Dos homens esquecida, em ermo recatado
 Que voz do coração, que lagrima, qual brad,
 Do somno, em que ora estás, te virá despertar?

A esta sêde de amar só Deus conhece a fonte?
 Jorra ella ainda além d'este fundo horisonte,
 Que a mente não calcula e onde se perde o olhar?
 Que azas nos deste, ó Deus, para transpor o espaço?
 Ao ermo do desterro inda nos prende um laço; —
 Onde encontrar a mão que o venha desatar?

Creio que só em ti ha essa luz secreta,
 Essa estrella polar dos sonhos do poeta,
 Esse alvo, esse termo, esse mago ideal;
 Fonte de todo o ser e fonte da verdade,
 Nós vamos para ti, e em tua immensidade
 E' que devemos ter o repouso final!

E' triste quando a vida, erma como esta, passa,
 E quando nos impelle o sopro da desgraça
 Longe de ti, ó Deus, e distante do amor!
 Mas guardemos, poeta, a melhor esperança:
 Succederá a gloria á salutar provança:
 O que a terra não deu, dar-nos-ha o Senhor!

MACHADO DE ASSIS.

EMBIRRAÇÃO.

(A. J. M. Machado de Assis.)

A balda alexandrina é poço immenso e fundo,
Onde poetas mil, flagello deste mundo,
Patinham sem parar, chamando lá por mim.
Não morrerão, se um verso, estiradinho assim,
Da beira fôr do poço, extenso como elle é,
Levar-lhes grosso anzol; então eu tenho fe
Que volte um afogado, á luz da mocidade,
A ver no mundo secco a secca realidade.

Por elles, e por mim, receio, caro amigo;
Permitte o desabafo aqui, a sós contigo,
Que á moda fazer guerra, eu sei quanto é fatal;
Nem vence o positivo o frivolo ideal;
Despotica em seu mando, é sempre fatua e vã,
E até da vã loucura, a moda, é prima-irmã:
Mas quando venha o senso erguer-lhe os densos véos,
Do verso alexandrino hade livrar-nos Deos.

*Deos quando abre ao poeta as portas desta vida,
Não lhe depara o gozo, e a gloria appetecida;
E o triste, se morreu, deixando mal escriptas
Em verso alexandrino historias infinitas,
Vai ter lá n'outra vida, insipido desterro,
Se Deos, por compaixão, não dá perdão ao erro;
Fechado em quarto escuro, á noite não tem luz,
E se é cá do meu gosto o guarda que o conduz,
Debalde, immerso em pranto, implora o livramento;
Não torna a ser, aqui, das Musas o tormento;
Castigo alexandrino, eterna solidão,
Terá lá no desterro, em premio da illusão;
Verá queimar, á noite, as rosas esfolhadas,
Que a moda lhe offertára, e trouxe tão cuidadas,
E ao pé do fogo intenso, ardendo em cruas dôres,
Verá que versos taes são galhos, não dão flôres;
Que, lendo-os a pedido, a creatura santa,
A paciencia lhe foge, a fé se lhe quebranta,
Se vai d'um verso ao fim; depois... treme.. vacilla...*

Dormindo, cahe no chão ; mais tarde, já tranquilla,
 Sonha com *verso-verso*, e as illusões floridas,
 Risonhas, vem mostrar-lhe as largas avenidas
 Que o longo *verso-prosa* occulta, do porvir !
 Sonhando, ao menos, póde amar, gozar, sentir,
 Que um somno alexandrino a deixa ali, em paz,
 Dormir... dormir... dormir... erguer-se, emfim, vivaz,
 Bradando : « Chloroformio ! O genio que te pôz,
 « A palma cede ao metro, esguio, teu algoz ! »

E aspiras, vate, assim, da gloria ao ideal ?
Triste e funesto afan!... tentativa fatal!
Nesta sêde de luz, nesta fome d'amor,
O poeta corre á estrella, á brisa, ao mar, á flôr ;
Quer ver-lhe a luz, na luz da estrella peregrina,
Quer-lhe o aroma sentir na rosa da campina,
Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar ;
O' inutil esforço ! O' improbo lutar !
Em vez da luz, do aroma, ou do alento, ou da voz,
O verso alexandrino, o impassivel algoz!...

Não cantas a tristeza, e menos a ventura ;
 Que em vez do sabiá, gemendo na espessura,
 Imitarás, no canto, o grillo atraz do lar ;
 Mas desse estreito asylo, escuro e recatado,
 Alegre has de fugir, que, erguendo altivo brado,
 A lyrica harmonia hade ir-te despertar !

Verás de novo aberta a copiosa fonte !
 Da poesia verás tão lucido o horisonte,
Que a mente não calcula, e onde se perde o olhar,
 Que nas azas do genio, a voar pelo espaço,
 Da perna sacudindo o alexandrino laço,
 Hasde a mão bemdizer que o soube desatar.

Do precipicio foge, e segue a luz secreta,
Essa estrella polar dos sonhos do poeta ;
 Mas n'outro verso, amigo, onde ao mago ideal
 A musica se ligue, o senso e a verdade ;
 — N'um destes vai-se, a ler, da vida a immensidade,
 Da syllaba primeira á syllaba final !

Meu Deos ! Esta existencia é transitoria, e passa ;
 Se fraco fui aqui, peccando por desgraça ;
 Se já não tenho jus ao vosso puro amor ;
 Se nem da salvação nutrir posso a esperança,
 Quero em chammias arder, soffrer toda a provança :
 — Ler verso alexandrino.... oh ! isso não, Senhor !

F. X. DE NOVAES.

CHRONICA.



Snr. A. F. de Castilho, no seu *Estudo Historico-Poético* intitulado CAMÕES, diz — *a quem ler* — que esse trabalho, na sua origem: « De Camões, não tinha mais que o nome; da terra e dos tempos de Camões, coisa nenhuma, » Ora é isto, exactamente, o que vae succeder a esta minha obra, que, segundo me parece, de chronica não terá mais que o nome; de acontecimentos notaveis, e pertencentes á chronica, coisa nenhuma. E não é porque os não haja; é porque eu não sou nenhum mexeriqueiro que ande por ahi espreitando a vida alheia, para vir contal-a aqui, em segredo, aos meus leitores.

« Valha a desculpa, se não vale o canto. »

Prevenir o publico a respeito de uma obra, de qualquer genero, é imprudencia que não commetterei. A expectativa exalta-lhe sempre o valor, e raras vezes o resultado corresponde á prevenção. E' por isso que eu, tentando hoje ser chronista, começo o desempenho da missão, sem preambulos, e marchando direito ao fim, como estão vendo.

O systema dos annuncios pomposos deve ser exclusivo das companhias equestres, que andam sempre a galope, e não teem permanencia em parte alguma. Se os espectadores se queixam de que o programma não é fielmente cumprido, o director torna-o ainda mais curto, faz uma elegante pirueta e vae prégar a outra freguezia.

Não succede outro tanto com as companhias *pedestres*, como esta a que pertenco, porque, sendo *permanentes*, precisam de meditar seriamente sobre os seus actos.

O meu collega, encarregado da chronica do primeiro numero deste periodico, foi mais feliz. Encontrou-se com uma penna que não via ha muito tempo, estabeleceu com ella um extenso dialogo, cujo termo foi também o de uma pagina, e venceu assim uma dif-

ficuldade que me está dando água pela barba, inundação de que o dito meu collega está livre.

Nisto de pennas ha caprichos] muito notaveis! A. Herculano, cujo estylo é tão incisivo, escreve com penna de pato ; e Bulhão Pato, que nos encanta com a suavidade dos seus versos, usa de penna de aço !... E faz muito bem. E' tão grande, actualmente, a profusão de escriptores que, sem o auxilio desta pasmosa invenção, seriam *depennados* todos os *patos*, e o mimoso poeta, que nos apparece com a sua musa, tão elegantemente vestida, tão brilhantemente adornada de vistosas flores, mostrar-se-hia nu, como tantos dos seus collegas, que descem lá do Parnaso tiritando com frio, que se communica aos leitores, desde a leitura da primeira estrophe.

Dizer eu agora com que penna escrevo, seria dar-me uma importancia que muitos me negariam.

Vamos á chronica. A litteratura vai dando que fazer aos chironistas. Já se não passam quinze dias sem que appareça alguma obra litteraria, de mais ou menos valor.

O Sr. D. J. Gonçalves Magalhães publicou a sua *Urania*, collecção de poesias lyricas. Emittir uma opinião sobre o merito deste livro era dever meu, bem o sei ; mas lucto com uma difficuldade, que o não seria para muitos criticos de polpa. E' que ainda não li a *Urania*.

Uma nova empresa veio ultimamente concorrer para o progresso litterario no Brasil, secundando o honroso empenho da *Bibliotheca Brasileira*, cujas publicações teem sido, com razão, tão bem recebidas pelo publico. E' o *Museu Litterario*, que encetou a sua carreira dando á luz uma versão da *Lenda de Saint-Germain*, intitulada : « POR CAUSA DE UM ALFINETE. »

A epigraphe é a seguinte : « *Procura e acharás* »

A redacção do *Futuro* deseja ardentemente que os amantes das letras *procurem* com avidéz o ALFINETE. A empresa, receando que o não *achem*, trata de preparar — A LAMPARINA —, que será a segunda publicação do *Museu Litterario*.

Oxalá que o auxilio da *lamparina* sirva apenas para se procurar, debalde, nas estantes dos livreiros, [um exemplar da *Lenda de Saint-Germain*.

Annuncia-se tambem para hoje a representação, no Theatro do Gymnasio, de um novo drama, em 1 prologo e 4 actos, original do Sr Dr. Joaquim Manoel de Macedo. Eu creio piamente que na *Lusbella* ha de reflectir a *bella luz* do talento do author.

Parece-me que muitos dos meus leitores me accusarão asperamente, porque lhes dou, em lugar de chronica, uma collecção de

anúncios apenas. Pois não teem razão. Uma empresa nascente, como a do *Futuro*, não deixa tempo para a leitura; e analysar sem ler, é moda que não sigo. Imaginam lá os contratemplos a que se vê exposto o infeliz que tem a seu cargo a direcção de um periodico litterario !...

E' verdade que a recepção que teve o *Futuro*, impõe ao redactor a gostosa obrigação de tributar os mais sinceros agradecimentos ao publico, e á imprensa brasileira. Mas... eu conto..., deixem-me desabafar.

Estava o redactor assignando recibos, gosto que só póde ser excedido pelo que se experimenta ao separal-os do talão, quando um sujeito, entrando no escriptorio da Redacção, entrega um exemplar do periodico, e diz; « O Sr. F. manda-lhe este folheto, que tinha assignado: diz que já não quer assignar, porque não gosta do « formato. »

— Pois como o Sr. F. tinha assignado, entreguei-lhe o exemplar, e devo-lhe ainda 23, e um recibo: agora, se não quer assignar não assigne; ninguem lhe pediu *bis*.

« Não é isso, o Sr. F. já não quer o folheto, e manda riscar o « seu nome. »

-- Isso é outro caso: o nome é seu, póde fazer delle o que quizer. — Recebi o exemplar, risquei o nome, e ainda hoje scismo com este acontecimento, que me parece lisongeiro para mim.

E é, certamente. Um periodico que encerra cinco artigos, occupando 40 paginas, e uma gravura, e que só desagrada pelo formato, é um excellente periodico. Falta-lhe só crescer, ou diminuir, e tudo isso poderá succeder com o tempo. Isto não é queixa, accusação, ou cousa que o valha. Acho o caso engraçado, é um acontecimento da quinzena, e julgo-me obrigado a contal-o aos leitores. A tal respeito limito-me a declarar que tambem não gosto do formato do meu ex-assignante, cujo nome não digo a ninguem. Não me ficou de memoria.

Para aquelles que não sabem como correm estas cousas de imprensa, é precisa uma satisfação; sem ella, accusariam a chronica de temporã, suppondo que seria melhor escrevê-la mais tarde, e fallar mais largamente da *Urania*, do *Museu Litterario* e da *Lusbella*. Ora eu lhes conto.

Vae um artigo para a typographia. O compositor, para não desmentir o nome, *compõe*. O author, que não é obrigado a entender todas as linguas, comprehende apenas que foi descomposto, enche a prova de rabiscos, e devolve-a. O typographo, que tambem não tem

obrigação de saber musica, vê-se mais embaraçado que da primeira vez, e cuidando que é deveras solfa o que tem diante de si, começa a executar variações, e lá vem uma desaffinação horrivel arranhar de novo os ouvidos do author do artigo. E assim, de cá para lá, e de lá para cá, vae fugindo o tempo, que é necessário espaçar para traz, visto que o programma não consente que se espace para diante.

Finalmente: morreu o *peixe-boi* do Passeio Publico. Era um cidadão notavel, não podia morrer impunemente, sem ter ao menos um necrologio. Um poeta que assistiu aos ultimos momentos do infeliz, exclamou:

« Esta terra era engeitada,
 « Para ti era um deserto!...
 « Trouxe-te aqui a rajada
 « De vento abrasado! incerto!...
 « Lá deixaste a mãe e o pae!...
 « Ai!...

« Longe do berço da infancia
 « Tens a campa mortuaria!...
 « Mesmo aqui, entre a fragrancia,
 « Atacou-te a *solitaria*!...
 « Nem chamaste por teu pae!...
 « Ai!...

« Quanta vez a horas mortas,
 « Rez votada ao sacrificio,
 « Viste fechar estas portas,
 « Por causa, dizem... do vicio!...
 « Se isto soubera teu pae!...
 « Ai!...

« Vive a roseira plantada
 « Em qualquer canto ou canteiro,
 « E a ti matou-te a geada
 « Deste rio de janeiro,
 « Sem dizer adeus ao pae!
 « Ai!...

« O rio, é filho da serra,
 « E o musgo, do pae granito;
 « Tu vaes ter por mãe a terra,
 « Filho do mar infinito!...
 « — Vou comprimentar teu pae!...
 « Ai!... »

Setembro 27 de 1862.

F. X. DE NOVAES.

Ó FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Collaborado por varios escriptores brasileiros e portuguezes.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.
Afiança-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menor prazo.

Condições da Assignatura.

Para a Côte 15\$000 — Para fóra da Côte e provincias — 17\$000.

O pagamento será feito depois da entrega do 1.º numero.

Assigna-se no Escriptorio da Redacção, Rua do Ouvidor n. 46. 1.º andar, onde leve ser dirigida toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes

Os Snrs.

Catilina & C.^a
Cunha Irmãos & C.^a
Luiz Augusto de Oliveira
Joaquim Baptista Moreira.
Silva & Costa
Francisco Luiz Ribeiro.
Joaquim Alves Leite
J. J. de S. Ayram Martins
Felisardo Toscano de Brito
José Gonçalves Guimarães
A. L. Garraux
Henrique Xavier de Novaes

Bahia.
Pernambuco
Maranhão
Pará.
Rio Grande do Sul
Pelotas.
Porto-Alegre
Santos.
Parahyba do Norte.
Maceió.
S. Paulo.
V.souras